



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL
FACULDADE DE PEDAGOGIA**

KELLY BARBOSA MARQUES

**AUTOAFIRMAÇÃO DA VELHICE: SUBJETIVIDADES E MULTIPLICIDADES DE
SE VIVER O ENVELHECIMENTO NO DELINEAR DAS TRANSFORMAÇÕES
SOCIAIS**

CASTANHAL

2020

KELLY BARBOSA MARQUES

**AUTOAFIRMAÇÃO DA VELHICE: SUBJETIVIDADES E MULTIPLICIDADES DE
SE VIVER O ENVELHECIMENTO NO DELINEAR DAS TRANSFORMAÇÕES
SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para a obtenção de grau ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Federal do Pará. Orientado pelo Prof. Dr. Dário Azevedo dos Santos.

CASTANHAL

2020

KELLY BARBOSA MARQUES

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado para a obtenção de grau ao
Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia, Universidade Federal do
Pará.

Orientado pelo Prof. Dr. Dário Azevedo
dos Santos.

DATA DA APROVAÇÃO: ____/____/____

CONCEITO: _____

BANCA EXAMINADORA

PROF. DR. DÁRIO AZEVEDO DOS SANTOS

ORIENTADOR - UFPA

AUTOAFIRMAÇÃO DA VELHICE: SUBJETIVIDADES E MULTIPLICIDADES DE SE VIVER O ENVELHECIMENTO NO DELINEAR DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS

Kelly Barbosa Marques¹

Dário Azevedo dos Santos²

"Quanto ao motivo que me impulsionou foi muito simples. Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade - em todo caso, a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo."
(FOUCAULT, 1999)

RESUMO

Esta pesquisa vem apresentar um levantamento sobre os aspectos que configuram diferentes concepções atribuídas ao envelhecimento na esfera social. Utilizando-se da análise de 13 produções (artigos, teses e dissertações) publicadas pelo portal periódico da CAPES e do acervo da Biblioteca Nacional de Teses e Dissertações, com base teórico e metodológico nos discursos foucaultiano. Tendo por objetivo, problematizar no delinear da área da educação as multiplicidades de discussões relacionados a velhice segundo uma cultura do envelhecimento adotada na contemporaneidade. Onde, denotou-se minguadas publicações relacionados a velhice sob uma perspectiva epistemológica, constatando por esse modo, que a velhice ainda vem sendo vista preconceituosamente como um acontecimento processual decadente. Nesse sentido, o artigo sugere ampliar e efetivar dentro dos ambientes acadêmicos a formação pedagógica crítica em prol de se fazer reconhecer e afirmar o envelhecimento em diferentes espaços, com vigor de desconstruir conceitos estereotipados de negação à velhice frente a sociedade atual, como também, dar maior visibilidade e potencialidade aos interesses da pesquisa científica para o deslocamento de novas informações e produções.

Palavras-chave: velhice, sujeito, sociedade e formação pedagógica.

1. INTRODUÇÃO

¹ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal do Pará – UFPA Campus Castanhal-PA. Integrante do Núcleo de Estudos em Pesquisa em Educação, Envelhecimento e Sexualidade – NEPES-UFPA.

² Prof. Dr. do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Pará, orientador da pesquisa construída.

O pressuposto dessa pesquisa, é dar abertura a uma inovadora discussão sobre a afirmação da velhice na atualidade, em inquietude com constantes reformulações de modelos de vida para se manter a inserção reconhecível enquanto sujeito pertencente à sociedade. Tendo por objetivo, investigar através de produções textuais a complexidade de estudos referente ao conjunto de abordagens que permeiam o conhecimento exercido sobre essa linha de pesquisa. Assim, vindo a problematizar as atitudes políticas e sociais frente ao processo de envelhecimento na dimensão do crescimento populacional e das relações humanas.

Portanto, buscou-se indagar em parte, nesse contexto social, político e econômico, o existencial paradigma constituído sobre processo de envelhecimento a partir da cultura do envelhecer, consistentemente referenciada pelo que Michael Foucault (1926-1984) discerniria como relações de poder, das práticas punitivas na estratégia de tornar os corpos dóceis para melhor manipulá-los conforme os interesses superiores. Havendo a castração tanto dos comportamentos naturalmente liberado do interior de experiências e emoções avassaladoras de histórias de vida, como também, na nudez dos seus corpos enquanto sujeitos desejantes.

Perante essas provocações investigativa voltada para essa temática do envelhecimento humano, a pesquisa parte consideravelmente da relação construída com uma linha epistemológica a partir da minha trajetória acadêmica, sendo descrita diante de um olhar reflexivo focalizado no desejo de desconstruir a ideia viciante do papel do pedagogo, em muitas situações condicionado apenas à função atuante na educação escolar.

Levando em conta essas condições, destaco que através do grupo de pesquisa NEPES (Núcleo de Estudos em Pesquisa em Educação, Envelhecimento e Sexualidade) que meu foco de interesse investigativo no curso de Pedagogia, passou a reafirmar a necessidade de me permitir trilhar caminhos que estudam, discutem e produzem conhecimento acerca das subjetividades no envelhecimento. Com essa junção de inúmeras experiências como discente na dimensão do conhecimento das ciências humanas, defino minha linha de estudos e reflexões críticas no viés da educação.

É importante frisar esse caminho mediado principalmente pelo NEPES, primeiro porquê o núcleo objetiva aprofundar estudos justamente no campo da educação, envelhecimento e sexualidade. Segundo, por haver uma soma de informações oportuna no contato com a pesquisa, ao promover eventos formativos em diversos ambientes, propiciando consistentes experiências correlacionadas com o tema dessa pesquisa desenvolvida.

Desta forma, é válido conhecer afinal, o grupo de estudo desde sua origem. Assim, sendo declarado por uma iniciativa fundante do Prof. Dr. Dário Azevedo dos Santos, docente da Universidade Federal do Pará, Campus de Castanhal- PA a partir de sua tese de doutorado percuciente sobre; *Vias e trajetos de escolarização de sujeitos homoafetivos velhos na cidade de Belém*. Provocando grandes impactos e viabilizando para a fundação do NEPES em setembro de 2011.

Em virtude desse alcance ímpar dentro da Universidade, considera-se como fundamento da extensão para o aprimoramento das práticas discursivas, efetivar, somar e construir, com os demais grupos de pesquisa, movimentos sociais, entidades científicas, de classes e do poder público, informações e reflexões que possibilitem intervenções qualificadas como prestação de serviço à comunidade e criar vínculos dialógicos com a defensoria pública de modo a efetivar responsabilmente práticas em favor dos direitos humanos.

Nesse sentido, as linhas de pesquisas e discussões são direcionadas para contextos que abrangem uma diversidade de temas pertinentes como: Educação, Envelhecimento e Sexualidade; Ensino de História e a História da Loucura no Estado do Pará; Arte e Educação em Ambiente de Privação de Liberdade e Filosofia e as suas diversidades.

De modo, buscar-se a partir dessas pesquisas citadas acima, o sentido de tornar abrangente as informações delas geradas e, sobretudo, instigar questionamentos sobre as reais ações políticas voltadas para o asseguramento social na dimensão dos direitos cívicos que necessitam serem prestados. Além disso, analisar as histórias de vida de sujeitos em estado de vulnerabilidade social, principalmente as dos sujeitos velhos, infelizmente naturalizadas sob uma ideia deficiente na ótica da existência humana.

Contudo, atualmente, o NEPES vem desenvolvendo os Projetos de Pesquisa nas linhas citadas anteriormente como: *Narrativas de Pessoas idosas Homoafetivas sobre memória de infância condições de vida no presente perspectivas de existência na velhice nas cidades de Belém e Castanhal no Estado do Pará; Narrativas de pessoas idosas centenárias sobre seus processos de envelhecimento, longevidade e finitude nos municípios de Belém e interno de Castanhal-PA. Narrativas de pessoas idosas sobre seus processos de alfabetização/escolarização, perspectivas de vidas e condições de existências: perfil dos sujeitos velhos nas cidades de Belém e entorno de Castanhal-PA.*

Além disso, o grupo NEPES promove eventos voltados não só para essas discursões, mas também, possui a autonomia de trabalhar uma diversidade de temas significativos, com o intuito de criar vínculos dialógicos com as instituições socioeducativas na dimensão de sua importância, alcançando desta forma, o objetivo de expandir informações e dados na soma dos valores e modos de vida para o reconhecimento e respeito populacional.

Portanto, em virtude desse caminho de sensibilização causada pelo o contato direto com a pluralidade de discursões no campo educacional encontradas em diferentes áreas, me atraiu aprofundar e amadurecer meus conhecimentos no campo educacional acerca do envelhecimento humano, que sinalizaram grandes oportunidades de fazer e aprender a fazer, a partir das investigações instruídas por disciplinas e projetos de pesquisas ministrados por excelentes profissionais da área da educação, considerados grandes influentes nesse percurso de descobertas e identificação.

Tais argumentos, revelam os elementos referências que me direcionaram a obter a responsabilidade e satisfação de reconhecer o conjunto de problemáticas sociais por meio do contato direto com laboratório da pesquisa, sendo este laboratório, a própria população idosa encontrada no decorrer da aplicação de minha primeira pesquisa de campo mediada pelo grupo NEPES.

Essa etapa cumprida no percurso acadêmico, teve como público alvo a população de sujeitos acima de 60 anos, com o tema “Desaprender a naturalizar a violência contra a pessoa idosa no município de Castanhal-PA”.

Assim, busco evidenciar essa pesquisa no qual o NEPES me oportunizou a desenvolvê-la, por partir de uma inquieta análise discursiva dentre as problematizações acerca da violência contra os sujeitos velhos em preciosos encontros de formações realizados pelo grupo de estudo. Essa iniciativa de aproximação com a realidade de vida desses sujeitos, se deu em defesa aos direitos da pessoa idosa, pois fica claro que mesmo com Estatuto do Idoso, Lei nº 10.741 sancionada em outubro de 2003 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, é perceptível os descasos contra essa população, sendo ainda evidentes e constantes.

A negligência, a violência física, psicológica e entre outras, são as quais mais os velhos em sua realidade estão sendo vítimas. Não estando longe, podendo acontecer dentro do próprio ambiente familiar, como constatamos por meio de diversos relatos durante essa pesquisa de campo.

Embora, havendo inúmeras estratégias sociais que buscam invalidar a capacidade dos sujeitos que chegam aos seus 60 anos de idade, o processo de envelhecimento vem se tornando foco de diversas pesquisas em diferentes áreas de formação ao longo dos anos, ramificada de conceitos e representações, criando na dimensão dos estudos de questões intencionadas à melhorias e garantia de direitos nas exigências do atual cenário social.

É traçando essa pesquisa no contexto do envelhecimento populacional, que podemos verificar posições contraditórias, a partir do acréscimo de vivências prática com pessoas que tanto afirmam sua identidade enquanto velha, como aos que dela se recusam falar, ambos contribuíram para o avançar dessas investigações. Proporcionando no lado da pesquisa, fundamentais conhecimentos que intensificaram o construir desse trabalho.

Desse modo, buscou ampliar a compreensão das novas possibilidades de usufruir da velhice nos dias atuais, levando em conta a relevante dinâmica na busca de compreender esses fatores a partir das subjetividades do sujeito e na revelação das concepções individuais que reforçam a afirmação, como também a negação desse fenômeno. Visto que

Não pensamos na velhice. Não nos preparamos para sua chegada. Ao contrário, vivemos em uma época em que a busca pela juventude eterna e o combate aos sinais do tempo têm se tornado quase uma obsessão entre mulheres e homens. Pensar na velhice traz, muitas vezes, calafrios. Rugas, dores no corpo, esquecimentos, vagareza, inabilidades, dependência... morte. A velhice está incrustada de ideias negativas. (LIMA, 1601, p. 1601)

Esse preconceituoso imaginário da imagem atribuída ao envelhecimento deturpa a definição do que na realidade é em seu modo. Causando um estranhamento de idade e dificuldade de lidar com o próprio corpo no qual se encontra em consecutivas transformações estéticas. Então, na busca de evitar o inevitável que, a população de homens e mulheres internalizam a velhice associada apenas a uma condição física, conseqüentemente desconhecendo seu lugar na sociedade contemporânea, uma vez que o índice de idosos cresce, o mercado se mantém atividade para oferecer diversas formas de esconder aparentemente essa realidade da vida.

Ao trazer da demonstração do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e estatística) podemos perceber que em 2019 a projeção da população idosa é dada por crescente em 26% nos últimos seis anos. Visto, pois, através desses dados que, por volta de 2030 o Brasil obterá a quinta população mais idosa do mundo. Os números, portanto, é uma estimativa que representa um ponto de reflexão importante durante trabalho, que nos levar a pensar as possibilidades intervenientes para discernir aumento populacional de idosos em massa e as práticas que suscitam a negligências contra esse público.

Assim, ao se pensar uma cultura do envelhecimento, destaca-se o paradoxo de grupos sociais que se concentram tantas vezes no temor da velhice sob uma estratégia de poder, acabam se submetendo a fuga desse envelhecimento a partir das “possibilidades” de se manterem certamente como cidadãos civilizados, privando-se da reinvenção libertadora de viver e realizar seus desejos e sentir-se pertencente à um meio social sem abrir mão da sua natureza humana.

Com isso, envelhecer nos tempos atuais desmembra uma série de formas de encarar esse processo que ocorre inevitavelmente ao longo da vida humana, pois é importante compreender que esse fenômeno não inicia ao longo de uma

determinada idade, mas acontece desde o nascimento e, ofuscá-la não a esconderia por muito tempo.

Em vista disso, a maneira de encarar a velhice, no que diz respeito aos aspectos naturais, contribui na busca do verdadeiro sentido de viver esse processo. No despertar das necessidades, dentre elas está a necessidade da interação social, buscando por manter seu espaço e o respeito dos seus semelhantes sob a perspectiva identitária vivida pelo cuidado de si sem sentimento de exclusão, em uma nova óptica de se aceitar em sua existência.

Já em outras circunstâncias, pode-se assim obter outra demonstração da velhice, aquela por sua vez, amedrontada pelo tempo e pelas formas institucionalizadas de sobrevivência, estampada pela rejeição conflituosa sobre o que o envelhecimento dispõe. No menosprezo caracterizado na linha do abandono de si para se configurar nos padrões estipulados, como tática de adaptação normativa aos interesses sociais de se viver uma beleza basicamente fora do que o corpo necessita, abdicando dos seus desejos, para apresentar e representar sua postura seguidora de padrões, mantendo a estrutura estética natural violentada na tentativa de manter uma “infinita juventude”.

Assim, essa pesquisa vem demonstrar uma análise de significações e influências desse acontecimento dentro das estruturas sociais, como também nas representações da envelhescência³, compreendendo a existência dos reais modos de vida na velhice na qual criam "novas possibilidades e significações para o envelhecimento" (GOLDENBERG, 2013, p.38). Nessas significações de vida, discutindo em tese, esse movimento que os sujeitos acabam vivenciando dentro de suas fases e modos no seu processo de velhice, onde se reestruturam na medida de seus de sua potencialidade.

³ Termo criado por Berlink (2000), é uma espécie de transição entre a idade adulta e a velhice – assim como a adolescência é considerada uma preparação para a maturidade, a envelhescência é a preparação para a fase da velhice, de acordo com de Melo (2019). Além disso, Soares (2012) aponta que o grupo que contempla a população envelhescente, possui a idade de 45a 65 anos ; nesse intervalo de tempo, idade e modificações, é o momento que os sujeitos passam a se perceberem em sua velhice.

Diante desse atual aceleração na perspectiva de vida, percebe-se a necessidade de criar novas oportunidades formativas para desenvolvimento humano, articulando-as com métodos educacionais e ofertando atendimento às pessoas idosas. Atuando de forma que esses se sintam pertencente ao meio que se insere sem restrição identitária.

Assim, essa pesquisa, se diferencia no percurso teórico e metodológico fundamentada na teoria Foucaultiana em correlação aos pensamentos e reivindicações de Simone de Beauvoir, para melhor sintetizar os pontos discursivos dentro no aspecto das escavações analíticas ancorado às multiplicidades de conhecimento acerca do envelhecimento humano.

2. UM OLHAR METODOLÓGICO SOB EXPERIÊNCIAS NO CAMINHO DO ENVELHECIMENTO

“Não sei se foi a velhice que abriu os meus olhos ou se ela, a velhice, simplesmente me deu coragem para dizer o que eu sempre vira e não dissera, por medo.” (Rubem Alves, 2002, p.47)

Dada a complexidade de se estudar o envelhecimento sob uma perspectiva exploratória por meio de experiências no processo formativo, se dispõe explicitar nesse campo norteador, os procedimentos detalhados das escavações teóricas; metodologicamente pensadas dentro dos aspectos objetivados.

Enquanto as vertentes desenvolvidas nesse estudo, os resultados tratados nesse contexto metodológico, baseia-se no método qualitativo, analítico e descritivo, de modo a problematizar as questões relacionadas a afirmação da velhice através de um levantamento bibliográfico de artigos, teses e dissertações acerca dos inerentes posicionamentos, discussão e ponto de vista na linha do envelhecimento humano.

Além desses desse método, para melhor compreender o condicionamento social criado sob o ser velho na contemporaneidade, optamos inicialmente por utilizar de entrevistas semiestruturada com idosos a partir de 60 anos de idade, pertencente ao município de Castanhal-PA (município brasileiro localizado no estado

do Pará, estando na Região Norte do Brasil), contendo nas questões de entrevista, perguntas de fácil compreensão e alta reflexão, referente aos conceitos, concepções e suas subjetividades na afirmação da velhice.

Porém, a pesquisa precisou sofrer modificações. Dado que, as entrevistas que estavam organizadas para serem realizadas diretamente com os idosos, não se tornou possível, devido a realidade desafiadora que vivemos com a pandemia Covid-19. Visto também, que o público alvo desse estudo são os mais afetados pelo vírus e pertencem ao grupo de risco nesse enfrentamento mundial.

Contudo, é importante sintetizar, que no percorrer dessa vivência, nos deparamos com diversas mudanças, pois ao surgir as ideias e ao refletirmos a dimensão de sua finalidade, nos fez reconhecer singularmente o novo olhar direcionado à pesquisa, descobrimos que ela é feita de ressignificações e, nesse passar de descobertas, forma-se o novo, que pode surgir a qualquer momento.

Portanto, manifestou-se nesse atrelamento de mudanças, desenvolver de maneira consciente a investigação com outra dinâmica, tendo o mesmo propósito de operacionalizar esse estudo em relação as barreiras criadas entre o sujeito envelhecido e sua velhice; porém, agregando as análises apenas por meio do levantamento bibliográfico, para maior preservação da vida, devido o acontecimento descrito anteriormente.

Com isso, é importante evidenciar, que esse estudo não trata de que criar alternativas para seguir um determinado perfil ou percepção de envelhecimento, mas de problematizar a partir das subjetividades, as principais motivações que levam os sujeitos a negar seu próprio processo de envelhecimento e questionar o distanciamento dos debates acerca desse tema abordado nas relações sociais.

Assim, analisando os fatores influentes nesse condicionamento da busca incessante por uma inclusão em diferentes espaços, da capacidade de mudança que a pessoa idosa acaba se sujeitando ao negar a própria velhice no seu contexto de vida, constituiu apresentar por etapa os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, traçado pelos seguintes movimentos:

- Classificação de textos a partir da literatura especializada que contemplam teóricos que discursam o conhecimento científico no viés do envelhecimento e suas subjetividades;
- Levantamento de informações através de artigos, teses e dissertações relacionados às percepções subjetivas na afirmação da velhice.
- Análise acerca dos diferentes olhares sobre velhice na concepção social sobre os modos de vida a partir dos 60 anos de idade;
- Discutir conforme a literatura científica dessa área do conhecimento, os efeitos de transformação estética no processo de envelhecimento, apontando fatores influentes que interferem no bem-estar da pessoa idosa para se obter visibilidade, seja no âmbito familiar, educacional, dentre outros que vise sua participação na camada populacional.

No campo da pesquisa das autorias críticas e discursivas nas áreas das ciências humanas, atribuiu o delineamento dessas investigações no uso de técnica metodológica seletiva, cujo o seu direcionar possui um objetivo de significância para a qualidade desse estudo, no exercício de aproximar através dessas leituras e produções um novo olhar sobre a função da pedagogia e o encontro do profissional nos ambientes não-formais, que contempla questões dissonantes como forma de debate sobre a realidade dos sujeitos envelhecidos dentro de seus valores morais e éticos.

Em virtude do exposto da dinâmica investigativa que envolve descobertas, análises e resultados, o método desenvolvido destinou-se em meio a busca de publicações de artigos dos últimos 05 anos (2015 à 2020), através do acervo do Portal de Periódicos da Capes, sendo complementado com o acesso de teses e dissertações dos últimos 10 anos (2010 à 2020) do acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), atribuídos como suporte científico dos quais reúnem uma extensa disponibilidade de trabalhos referenciados de diferentes áreas do saber.

Nessa perspectiva, buscou-se nesse processo, apresentar as vias discursivas utilizadas para melhor compreender a complexidade de se viver a pesquisa na

dimensão dos interesses investigativos, por meio do aprofundamento textual do teórico social e filósofo Michael Foucault, no qual é utilizado como fundamental suporte teórico para se estudar o discurso⁴ retratando a epistemologia⁵ e o processo de subjetivação a partir de sua criticidade, permitindo assim compreender , a relação do cuidado de si com a educação .

Este, sendo um considerado historiador e navegante nos aspectos metodológicos, venerado pelas ciências sociais, no qual desenvolveu intrigantes métodos, refinando seus instrumentos de análise, tornando possível contrastar a situação atual de nossa sociedade, no seu pensar para além do tempo presente. Ele foi capaz de perscrutar histórias, tendo por interesse trazer à tona as práticas escondidas pelas forças de classe, não se intimidava no deslocamento de pensamento, porém, era cuidadoso em suas em suas investigações, Passet (2004).

Segundo Dreyfus e Rabinow (1995), Foucault buscava pelos significados profundos nos interiores obscuros da consciência humana, pois o genealogista compreende que nesses interiores estão todos os artifícios. Considerando que o corpo fala a partir de suas verdades constituídas por uma política de poder, no qual tanto apela pela visibilidade de suas máscaras.

Desse modo, Foucault no nível de sua inteligibilidade em suas práticas, utilizando-se das variantes técnicas da genealogia, chama atenção no percurso de suas práticas ao dar novos significados à sua metodologia em um curioso intervalo de tempo a partir dos seus constantes e complexos diagnósticos nas ciências humanas.

Como fez em 1970 no *Collège de France*, ao abordar a teoria do discurso e sua presente relação com a arqueologia. Esse comportamento de Foucault não se manteve apenas a um tempo, mas exercita o deslocamento do saber, possibilitando novos sentidos ao seu pensar na continuidade de seu trabalho.

⁴ Para Foucault (1996) é uma forma de manifestação física do saber, um objeto de desejo, ou seja, quando se detém o discurso conseqüentemente detém-se o poder. Visto que “[...] discurso não é livre pois há toda uma série de mecanismos de produção e circulação que controlam a existência do discurso, buscando enquadrá-lo” (LUIZ, 2010, p. 2).

⁵ Vem do conhecimento grego, *episteme* (saber, conhecer); *logia* (estudo). A epistemologia é área da filosofia que agrega o estudo na busca pelo conhecimento na compreensão nas diversas formas de adquiri-lo.

Portanto, essas diferentes estratégias investigativas, utilizadas em no enfoque de estudar os aspectos subjetivos na dimensão humana, cria-se novos problemas, relacionando, portanto, com a esfera da educação, pois Foucault traduz a educação em todo seu processo de conhecimento a partir da construção do sujeito.

Nessa sequência de abordagem crítica, representada como outra contribuição teórica para melhor se fazer compreender o tema seguido, especificamente na quebra de tabus, empregou-se nesse trabalho, intrínsecas reflexões de Simone de Beauvoir, uma pensadora Francesa de século XX, considerada um dos ícones do pensamento filosófico, especificamente na esfera do existencialismo humano ligado ao envelhecimento, busca elucidar as dimensões interdependentes do fenômeno da velhice.

De acordo com esse processo, abre-se um leque de reflexões e, buscar compreender e interpretar as ferramentas de pesquisa adentrando no campo da educação, proporciona criar novas estratégias metodológicas e permear por caminhos onde as curvas da pesquisa apresentam ao pesquisador novos significados, tornando-os interessante em cada passo dado no caminho desses estudos.

Para Fonseca (2002, p. 11)

(...) o homem é, por natureza, um animal curioso. Desde que nasce interage com a natureza e os objetos à sua volta, interpretando o universo a partir das referências sociais e culturais do meio em que vive. Apropria-se do conhecimento através das sensações, que os seres e os fenômenos lhe transmitem. A partir dessas sensações elabora representações. Contudo essas representações, não constituem o objeto real. O objeto real existe independentemente de o homem o conhecer ou não. O conhecimento humano é na sua essência um esforço para resolver contradições, entre as representações do objeto e a realidade do mesmo. Assim, o conhecimento, dependendo da forma pela qual se chega a essa representação, pode ser classificado de popular (senso comum), teológico, mítico, filosófico e científico.

Desse modo, consiste dizer que, esse estudo quando se permite visualiza-lo na ótica construtora do conhecimento científico, oportunizando traçar reflexões críticas, tem a capacidade se intensificar progressivamente desde que se objective compartilhar desse saber com a comunidade de modo geral. Vindo a promover um processo de ensino e aprendizagem por meio do diálogo, motivando o sujeito a

reconhecer o seu direito emancipatório nas tomadas de decisões críticas para determinado problema.

Essa prática adotada, torna a pesquisa não só uma teoria arquivada, mas uma ferramenta de indagações na construção do conhecimento. A formação a partir da criticidade, estabelece relações dissonantes, considerando diferentes posições num conjunto de ideias. o que para Foucault (1986) o discurso não possui unicamente um sentido ou uma crença, mas consiste em uma história.

É válido ressaltar que, Foucault teve a capacidade de se fazer descobrir em seus trabalhos de pesquisa, as transformações do discurso para mais de um dado sujeito ou lugar, mas na dispersão desses, suscitando em suas pesquisas uma problematização da história, ou seja, ele não buscava se fazer da pesquisa uma conquista de soluções baseadas em quantidade. Para ele, a manifestação da pesquisa consiste em uma prática de transformação de si mesmo no âmbito do conhecimento.

Com isso, nos apresenta em seus posicionamentos a modéstia capacidade do fazer entender a expressão não como um estado da razão, mas de um conjunto de relações complexas e reflexivas na teoria do conhecimento. Isso não quer dizer que ele abria mão da razão, avalia apenas como um modo de se desprender das amarras do individualismo discursivo utilizados nas estratégias de poder sobre os corpos. Chamando atenção para o cuidado de si. Tomada a pesquisa como um ato de cultivar e construir sua personalidade, pensando a educação não apenas como transmissão do conhecimento, mas perceber as mudanças presentes sem criar distanciamento entre os sujeitos e os objetos do qual se estuda.

Portanto, articulou-se essa pesquisa bibliográfica, visando trazer por meio dos estudos, os apontamentos que revelam no caminho do envelhecimento o surgimento de outras perspectivas de pensamento referente a temática. Vindo apresentar a partir dessas produções textuais, a multiplicidade de estudos que apontam problematizações acerca das inerentes configurações criadas no caminho do envelhecimento humano a respeito da afirmação da velhice, refletindo pedagogicamente o cruzamento das diferentes abordagens.

3. PEDAGOGIA E ENVELHECIMENTO HUMANO

*Quero envelhecer sem temer as rugas e meus cabelos brancos
Sem frustrações, terminar a etapa final desta minha existência
Não quero me deixar levar por aparências e vaidades bobas
Nem me envolver com relações que vão me fazer infeliz. (Mário
Quintana)*

A pedagogia por meio do ensino e aprendizagem, e em especial intermédio da pesquisa, tem vislumbrado atualmente com maior visibilidade uma função indispensável na área do envelhecimento humano através da educação, considerando que atualmente os sujeitos velhos vem buscando com mais impassibilidade satisfazer sua velhice através da tentativa de constituir novos conhecimentos, reforçando a produção do saber e a compreensão da realidade em que está inserido.

Nesse sentido, traçar os estudos científicos, as realidades vividas em vários caminhos que rege a complexidade de se pensar a pesquisa em educação voltada para a esfera do envelhecimento, ativa nesse curso estudar as linhas subjetivas dentro de um paralelismo de rostos, comportamentos, expressões e movimentos que declaram diferentes concepções e representações no contexto real da história humana.

Consiste desta forma pensar que, um(a) velho(a) na altura de sua idade, tem a revelar uma gama de experiências acumuladas ao longo da vida. Podendo expressar motivos pelos quais evidenciam sua atual posição diante das tais percepções do vir ser a velhice na contemporaneidade.

Rebuscar de histórias de vida, lembranças, fatos e acontecimentos, traços da história humana envolvendo novos tabus acerca do envelhecimento, um deles vindo a ser o modo pejorativo socialmente fantasiado nas mais variadas concepções sobre envelhecimento, incluído por discursos sistematicamente discriminativos.

Desta maneira, optar por seguir esse trajeto da diferença no viés da educação no curso de Pedagogia, considera-se desafiante, pois é perceptível o distanciamento dos discursos e abordagens perante o envelhecimento humano em sua história

como um conhecimento que envolve percepções e representações em sua existência. Paradoxalmente aparece tantas vezes até como um fator distante da realidade formativa prestada academicamente na figura dos saberes.

Em seu modo, cabe visualizar no âmbito educacional uma nítida necessidade de proporcionar a chave de entrada para esses novos olhares de estudo no campo da educação, onde a pesquisa se faça valer para além de um espaço fechado, de maneira que venha causar reflexões às diferentes áreas dos saberes, cujo o ambiente de estudo permita reavivar o lado adormecido do conhecimento empírico através do reconhecimento existencial dos sujeitos velhos e de seus valores.

É importante assim compreender que últimos anos a população brasileira ao ser percebida com um número crescente de sujeitos velhos, mesmo sendo um país ainda considerado jovem, consideravelmente cresce a necessidade de obter profissionais da área da educação que possam desenvolver serviços voltados para essa população em reconhecimento do seu papel enquanto sujeito pertencente ao meio inserido.

Por essa razão, destaca-se a importância da pedagogia e do pedagogo na orientação educativa e social dos sujeitos envelhecidos, considerando que essa prática pode acontecer em diversos ambientes, pois a participação desejada pelos velhos no âmbito social, não difere dos demais grupos de pessoas com idade cronológica abaixo dos 60 anos. Nessa observância, se encontra a necessária pedagogia voltada para esse público num espaço educacional não-formal.

Em virtude, a pedagogia na amplitude do seu conceito na prática educativa, distingue-se como campo de conhecimento, por não se tratar apenas como uma teoria científica, mas acontece por meio de várias maneiras e em vários lugares na medida de se existir a necessidade humana de se relacionar com o seu semelhante em objetivo educativo. Deste modo, há a carência de resgate no sentido da razão, é nessa característica diferenciada que surgem entre os sujeitos outras formas de se relacionar com o mundo (RIOS, 2003).

A articulação desses saberes na prática educativa, amplia o conceito de pedagogia para além de um campo de conhecimento restrito ao sistema de controle, viabiliza ramificar seu funcionamento prático a partir do ambiente frente ao processo

de formação que acontece de maneira diferenciada, seja no campo formal ou não-formal, ou seja, para Libâneo (1998) o curso de pedagogia é um campo educativo que permite a formação humana em sua contextualização histórica.

Portanto, conhecendo essas múltiplas instâncias de funções dentro da formação em pedagogia, essa técnica dispõe de um crescente desenvolvimento do conhecimento científico ligada a criticidade valorativa do conhecimento empírico. Libâneo (2001) considera a pedagogia um amplo campo de atuação, capaz de apresentar uma diversidade de funções em diferentes meios e situações.

Em vista disso, evolui as formas de compreender o papel do pedagogo, já não considerando esse profissional apenas responsável em atuar dentro de sala de aula, mas capaz de atender também em outros espaços da sociedade de acordo com seu objetivo profissional. Sem deixar de afirmar sua identidade formativa, com fundamental intensão de se trabalhar a educação integrada no determinado ambiente conquistado.

Portanto, o pedagogo é capaz de formular planejamentos pautados na vivência com sujeitos velhos, também, de tal modo que se possa tomar medidas construtoras através de atividades políticas e pedagógicas, potencializando seu papel designado de pedagogo em prol de compreender as inúmeras realidades que a população idosa é fundamentada.

Ao se pensar esse processo de aprendizado constituído por uma série de fatores no trabalho com os idosos, se percebe a dimensão dos impactos sociais quando se motiva integrar os mesmos na dinâmica pedagógica de estimular os idosos a perceber suas potencialidades e se reconhecerem como pertencente ao corpo social.

Esse reconhecimento permite eliminar a imagem criada sobre o velho ou a velha como um grupo excluído, desconstruindo esse tabu de que a utilidade está associada apenas ao ser jovem. E o pedagogo tem justamente o papel de estimular esses sujeitos a se sentirem úteis a partir de trabalhos voltados para a valorização de suas experiências de vida. Pois, cada um em sua subjetividade humana carregam consigo uma dimensão de vivências e relatos de vida propiciando alavancar o

conhecimento empírico formando uma ponte de diálogo que priorize o interesse do idoso. Nas palavras de Giubilei (1993, p. 14)

Uma sociedade madura, sadia é aquela que se prepara que se organiza para atender ao seu cidadão, retribuindo-lhe o que lhe ofereceu com seu trabalho, essa mesma sociedade, com compromissos, respeito e ética. Esse cidadão espera de todos o mesmo compromisso, o mesmo respeito e a mesma ética.

Por esse modo, ao relacionar a Pedagogia com envelhecimento, adota-se um exercício de relações humanas na medida que se potencializa o resgate individual e coletivo no desenvolvimento dessa prática. Respeitando o espaço do outro, proporcionando estimular a convivência entre os pares e redescobrir novos horizontes, sabendo, pois, que o ser velho possui o direito de buscar sentidos para a vida e reinventar-se em todos os âmbitos.

4. AUTOAFIRMAÇÃO DA VELHICE E O MEDO DE ENVELHECER

*“Água da fonte cansei de beber
Pra não envelhecer
Como quisesse roubar da manhã
Um lindo pôr-de-sol”*

(Roupa Nova, 1981)

A afirmação da velhice nos dias atuais, ainda é tratada por representações multifacetadas, onde a aparência se torna o ponto central das opiniões e subordinações. Criando sobre a velhice, outros significados e conceitos.

Em vista desse real movimento decorrente ao envelhecimento populacional, surgem novas preocupações de sobrevivência, amparo político, implicações do aspecto cultural, socioeconômico e conseqüentemente o medo de envelhecer. A inquietação com o corpo e a tamanha dificuldade da pessoa em se reconhecer velha, circundando com estranheza sua posição na sociedade a partir dos desafios socialmente declarados no século XXI.

Essas declarações, reforçam, portanto, uma ideia pejorativa de que é desagradável envelhecer, que para ser um sujeito aceito, é necessário obter uma aparência estética jovem, mesmo que essa aparência determinada não seja do

desejo do mesmo, como se o destino dos velhos e velhas que estiverem fora do padrão exigido, tem-se um destino já definido ao declínio exclusivamente afastado do convívio social. Assim, nas palavras de Beauvoir

O que define o sentido e o valor da velhice é o sentido atribuído pelos homens à existência, é o seu sistema global de valores. E vice-versa: segundo a maneira pela qual se comporta para com seus velhos, a sociedade descobre, sem equívocos, a verdade – tantas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e seus fins.” (1970, p. 97).

Mediante as preocupações inevitáveis no atual contexto político e social vivido pela população no desprezo de políticas públicas voltadas para os mesmos, o processo envelhecimento mesmo considerado um fenômeno revelado no homem e na mulher, de forma apontadora transfere para atualidade uma constante vulnerabilidade à discriminação ao serem reconhecidos como velho ou velha. Com isso, é relevante a possibilidade existente de sujeitos que temem a esse processo de envelhecimento por tantas vezes visualizar o seu destino final dentro das instituições de repouso por se verem rejeitados nos diversos âmbitos, inclusive no âmbito familiar.

Ainda mais, o sistema pouco investe nas urgências dessa população, mesmo dispondo da lei 10741./03, sancionada em 2003 declarando que

Art. 2º O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (BRASIL, 2004)

Infere, portanto, a partir desse decreto, perceber a fragilidade na prática desse apontamento, que por Lei e sem reservas deveriam ser cumpridas na mesma persistência que foi conquistada. Apesar de ser nacionalmente destinada às pessoas acima de 60 anos, poucos brasileiros possuem o conhecimento desse documento, conseqüentemente vindo a aumentar em grande proporção o índice de violação de direitos, pois muitos idosos ainda se sentem bloqueados a usufruir daquilo que por lei rege seus direitos.

Portanto, traçar esse caminho de estudos no enfrentamento e na intervenção social, permite adentrar na profundidade teórica e metodológica no trâmeti dos

discursos que inquietam e instiga analisar as distintas percepções constituída no homem, o que para Kant se daria como estudo empírico e transcendental.

Diferentemente da intuição, a Percepção Transcendental é constituída por princípios e experiências esclarecidas pelo sujeito, possibilitando fundamentar o objeto da pesquisa a partir do sujeito pensante. Surgindo desta maneira, uma problematização investigativa no âmbito da Antropologia. Para Foucault (2002, p.342)

Sem dúvida, não é possível conferir valor transcendental aos conteúdos empíricos nem deslocá-los para o lado de uma subjetividade constituinte, sem dar lugar, ao menos silenciosamente, a uma antropologia, isto é, a um modo de pensamento em que os limites de direito do conhecimento (e, conseqüentemente de todo saber empírico) são ao mesmo tempo as formas concretas da existência, tais como elas se dão precisamente nesse mesmo saber empírico.

Essas posições ao serem trazidas para a ótica da autoafirmação da velhice, conduz discutir os fatores geracionais no intermédio social e biológico, sobretudo os fatores influentes na negação do próprio envelhecimento, culminando tantas vezes a violência simbólica a partir dessa negação do seu próprio envelhecimento.

Sendo que, essa violência pode partir da compreensão das diversas circunstâncias determinadoras que impulsionam parte da população de sujeitos velhos, ignorar e manter-se ainda com aquela visão estereotipada sobre o envelhecer, consumindo-se de conceitos de insuficiência e incômodo.

Resulta desta maneira, compreender os fatores sociais que movem a maneira de perceber o envelhecimento na atualidade independentemente da idade, marcas, modificações e cavidades contempladas pelas transformações de dentro para fora e de fora para dentro, visto tantas vezes distante e, ao mesmo tempo presente em cada momento da vida humana, seguida desde o nascimento.

Significa dizer que, exige-se maior cuidado no que se diz respeito ao envelhecimento, quando generalizamos esse fenômeno apenas pela idade, automaticamente caímos no abismo discriminatório de desconsiderar a liberdade dos demais sujeitos que chegaram aos seus 60 anos com uma expectativa de vida

própria e que usufrui de uma autonomia que defende e afirma seu envelhecimento a precisão de enquadramento aos padrões impostos.

Pois, não é porquê este ou esta chegou a idade cronológica aliada ao pensamento da decrepitude ou da limitação, que deverão se limitar a esse tempo, pois a velha ou o velho não deixa de ser um sujeito pensante e desejante e exercer seu papel de cidadão, culmina pensar essa realidade desde o contexto histórico, pensar o destino das pessoas idosas, abrangendo o sentido da cultura e da sexualidade ao contradizer a inadequação prática social sobre sua identidade. Portanto, LOURO vem fomentar que

As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de "realidade"; subvertem as formas de gerar, de nascer, de crescer, de amar ou de morrer. Jornais e revistas informam, agora, que um jovem casal decidiu congelar o embrião que havia gerado, no intuito de adiar o nascimento de seu filho para um momento em que disponha de melhores condições para criá-lo; contam que mulheres estão dispostas a abrigar o sêmen congelado de um artista famoso já morto; revelam a batalha judicial de indivíduos que, submetidos a um conjunto complexo de intervenções médicas e psicológicas, reclamam uma identidade civil feminina para completar o processo de transexualidade que empreenderam. Conectados pela Internet, sujeitos estabelecem relações amorosas que desprezam dimensões de espaço, de tempo, de gênero, de sexualidade e estabelecem jogos de identidade múltipla nos quais o anonimato e a troca de identidade são frequentemente utilizados. (2000, p.5).

Os processos de transformações da nova era de ordem social, apresenta um abalo no reconhecimento do corpo-sujeito, a partir das possibilidades de se criar novas formas de pensar, viver e construir sua afirmação identitária na atualidade, como também, podendo ocorrer profundamente uma timidez de expressão da própria identidade em sua realidade, seja na sexualidade ou no envelhecimento, ou nos dois, afetando diretamente em sua posição social, assim, ocultando sua própria face.

O incômodo que a velhice em sua história foi considerada como causa, instiga discutir essa temática de forma comprometida na visão ética, para também contribuir com os que buscam repelir os pensamentos e práticas abusivas contra os sujeitos

velhos, não os vitimizando, mas buscando enfatizar o direito de exercer seu papel na sociedade de forma inclusiva e valorativa de cidadãos possuidores de direitos.

Por meio dessas reflexões, reforçar o ponto de partida sob a competência desses estudos teóricos na intensa sensibilização e luta pela superação da contradição na essência da vida, através das linhas de discussões. Visto que, em suas honestas provocações a cerca da velhice sem minimizar a realidade dos fatos na relação de sujeitos velhos com mundo, não se intimida ao apresentar os descasos histórico na ótica de velhice em toda a existência humana.

Nessa perspectiva, Beauvoir destaca com profunda a extensão na amplitude de seu conhecimento o incômodo da velhice na existência, sem se resguardar em sua obra *A velhice*, a atomização da sociedade sob a realidade silenciada no paradoxo criado e questionável, ao focar a imagem do ser velho como um conjunto de limitações, declínio e desfavorável inserção social.

Por sua vez, continua a argumentar em sua obra, momentos onde os velhos possuem uma versão caracterizada de invalidez, insuficiência intelectual e produtiva ao chegar em uma determinada idade. Segundo a visão da teórica social Beauvoir (1970), afirma que, se estimular a memória e a inteligência dos velhos, é possível manter a lucidez ativa até seus últimos momentos de vida.

Pode-se supor que, há vestígios habituais de um passado ao retornar os pensamentos no contexto histórico do século XVIII ao XIX, percebemos que o envelhecer torna-se um confronto, até mesmo compreendido como um motivo de escândalo. Visto aos que chegassem aos 60 anos de idade, ao manifestarem sua sexualidade, ou qualquer sentimento de desejo, eram motivos de zombaria, ou seja, “uma violência derrisória”(BEAUVOIR, 1970, p.7).

Essa violência é mascarada pela ignorância, ao cair no abismo dos próprios conceitos distorcidos acerca do envelhecimento. Portanto, Birman (1995) enfatizaria essa passagem do século XVIII ao XIX como uma ideia influenciada na teoria evolucionista, ao relacionar esses modos de vida à decadência, uma categoria populacional representada pela perda de valor simbólico e social. Tais concepções usualmente constitui novas formas de existência.

Nessa perspectiva, é importante traçar esse estudo como forma de todos possam viver seus próprios corpos Louro (2000), no resgate da real personalidade dos sujeitos velhos juntamente com esse exercício dialógico. Reconhecendo os sentidos e admitindo sua identidade. Construindo assim, possíveis ideias de refletir sobre suas concepções de velhice; através do seu aporte cultural, social e histórico que interferiram e permitiram não só se reconstruir enquanto sujeitos envelhecidos nos dias de hoje, mas também identificar as diferentes constituições identitárias ao longo da história.

5. ENTRE TRAMAS E ESTRATÉGIAS DE VISUALIZAR A VELHICE ATRAVÉS DOS ESTUDOS CIENTÍFICOS

Na busca de alcançar novos resultados por meio das produções científicas, dispõe-se no proceder da coleta de dados, apontar as questões adormecidas e perceptivelmente escassas no predomínio da escrita na perspectiva de se estudar o envelhecimento humano. Visto que, investigar sobre a velhice e criar motivação de produzir a respeito da temática, articula o ato de compreender nesse entrelaçar de saberes, as diferentes sociabilidades presentes no caminho desses estudos.

Leva-se em conta a partir de então, que, os textos utilizados (artigos, teses e dissertações) foram revisados e filtrados por pares (velhice X autoafirmação; velhice X estética; velhice X subjetividade) servindo-se do Portal de Periódicos da Capes e também da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Os acervos foram manuseados detalhadamente, atentando-se para a quantidade de publicações, ano, autor, resumo, autores mais citados e instituição da origem textual dos últimos 5 anos (2015 a 2020).

Justifica-se então, que esses pares foram escolhidos, por conter em grande frequência durante todo o processo de leitura questões relacionadas; surgindo a partir dessas a problematização inicial do projeto que ramificou as vertentes a serem seguidas nesse trajeto científico.

Velhice X autoafirmação

Aos pares que envolvem “velhice X autoafirmação”, infere-se que do total de artigos, apenas 1 contemplou esse código. Visto, que, ao se falar de autoafirmação,

ainda se torna restrito discutir ou produzir sobre, pois o único encontrado está intitulado apenas à imagem do gênero feminino. Cujo o objetivo está em analisar os significados de consumo de produtos e serviços para construir identidade de mulheres entre os 65 aos 75 anos de idade.

Velhice X estética

Em sequência, outra filtragem por pares revisados em “velhice X estética”, teve-se também a classificação de apenas 1 dos demais textos, no qual retrata da articulação de humor a partir da psicanálise, apresentando possibilidades de viver a finitude de maneira ativa, considerando que o velho ou a velha é capaz de projetar seu futuro sem deixar de viver o presente. Além de, problematizar a desmoralização estabelecida sobre o sujeito velho, banindo-o a um não-lugar.

Velhice X subjetividade

Nesse contexto, segue-se após a revisão dos pares “velhice X subjetividade”, constando que diferentemente das duas primeiras palavras-chave, verificou-se do total acessado, o aumento para 3 artigos no enclave das publicações, mesmo limitadamente, deu-se maior visibilidade de perceber os diferentes pontos de vista, além de ser percebida a utilização dos autores em comum empregados no suporte teórico e metodológicos dos escritos. Destacando, portanto, a figura discursiva de Michael Foucault e Simone Beauvoir como mais citados nesses artigos.

Diante desses destaques, os textos revelam na literatura especializada, reflexões sobre o sentido de viver a velhice a partir das subjetividades nas diversas correlações e forças configuradas pelo domínio sobre os corpos, como também, na dificuldade de lidar com a realidade do envelhecimento humano, bem como no processo de subjetivação. Ao pensar essas estratégias como forma de deter o envelhecimento, percebe-se que

[...] o paradoxo persiste, pois se o idoso é reconhecido finalmente como sendo um sujeito, ele continua destituído do lugar de agente social e do mundo das trocas simbólicas. Portanto, um sujeito em suspensão, capaz apenas de olhar para o passado com mais complacência e menos severidade, mas ainda sem o futuro como possível. (BIRMAN, 1997, p. 204)

Essa individualidade originada pelo medo de envelhecer associado ao medo da morte, manifesta a recusa de suas fragilidades e principalmente de reconhecer o envelhecimento presente na sua existência. Esse temor do futuro gera, portanto, comportamentos tantas vezes capazes de negatizar a sua própria imagem enquanto ser velho, adotando a substituição simbólica sobre o próprio corpo no intuito de reter as inevitáveis manifestações naturais.

Nesse sentido, se exemplifica o cuidado da velhice, como cuidado distanciado do corpo velho, representado pela sociedade onde o velho sempre será o outro, tomado pela estranheza de si. Nas palavras de Beauvoir “a velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso no qual é indecente falar” (1976, p.6). Uma clausura evidenciada pelos descasos históricos construídos pelas tipologias reducionista, deduzidas por práticas violentas vividas no silenciamento dos corpos, deixado com marcas de um passado opressor a existência de velhos e velhas em sua finitude.

Nesse sentido, após essa série de dados e informações, destaca-se a soma das relações de escrita encadeada pelas multiplicidades de velhice. Visto que, no acervo da Biblioteca Digital Brasileira, as produções textuais ao serem demarcados pelos mesmos códigos no vigor das escritas de teses e dissertações, utiliza-se também, da lógica de seleção e filtragem inicial, diferenciando-se apenas no período de publicação. Assim, nesse prosseguimento, decidiu-se seletar as produções dos últimos 10 anos (2010 a 2020), pelo motivo de perceber a tremenda escassez de publicações nessas variáveis.

Velhice X estética

Em “velhice X estética”, destacam-se do total da pesquisa, 5 publicações relacionadas aos pares, distinguindo-se em 4 dissertações e apenas 1a tese. No entanto, nessa análise, percebe-se um mesclar de abordagens sobre envelhecimento humano. Estando em evidência nas exposições textuais, diferentes áreas do saber.

Dentre essas abordagens encontra-se uma problematização do envelhecimento coisificado na modernidade, no libertar das amarras do passado vindo a privilegiar a velhice como um acontecimento pleno, articulado com presentes

possibilidades de reinvenção de vida, considerando a importância de conservar esse momento de forma que não o deixe ser transportado pelo esquecimento.

Em outra perspectiva de abordagem, problematiza-se o envelhecimento na questão das concepções preocupantes que se obtém da aparência, sob a busca incessante para se manter a beleza física no sentido de retratar esse processo de envelhecimento com aspecto de medo quando naturalmente ele se manifesta.

Encontra-se também nessa mesma linha, estudos que discutem os enquadramentos na era tecnológica, criando sentido à velhice. Essa abordagem é metodologicamente norteada por um mapeamento dessas tipificações, através de notícias midiáticas, realizada por uma análise de projetos de longevidade que mantém diálogo com os estereótipos negativos que invalidam a superação das fronteiras marcadas no trajeto do envelhecimento.

Perante essas produções textuais relacionadas a “velhice X estética”, encontrou-se mais uma interessante reflexão, enfocando os valores e modelos modernos gerenciado pelo positivismo. Declarando na busca de novos caminhos de atuação no delinear pedagógico, uma formação que possua a flexibilidade de proporcionar aos indivíduos a capacidade de se conhecerem e reconhecerem, com um olhar sobre si e aos outros no ambiente que se insere.

Velhice X autoafirmação

Dos descritores “velhice X autoafirmação”, pode-se classificar apenas uma produção referente ao exposto. Assim, essa pesquisa limitou-se ao aspecto de estudo por meio da hipótese “A velhice é um dispositivo”, ancorado no aporte foucaultiano e sustentado pela problematização do pensamento, afirmando a velhice mais que um fenômeno do curso da vida, dialogando com o referencial teórico com o pensamento crítico de Nietzsche em termo da desconstrução de valores.

Velhice X subjetivação

Em base analítica, revisado por “velhice X subjetivação”, foi denotado dentre o total de teses e dissertações a cerca desses pares, apenas uma produção textual referente, dispondo de um estudo que visa discutir a apresentação do envelhecimento na atualidade, suas subjetivações, seus modelos como princípios no

Envelhecimento ativo a partir das questões estereotipadas que se transformam em resistência contra a afirmação da própria velhice a partir do cuidado de si. Apresentando uma pesquisa no viés dos Estudos Culturais, em suas vertentes pós-estruturalistas.

Portanto, a realização da análise dessas pesquisas, permite visualizar o cenário diversificado das produções, se diferenciando nos objetivos gerais em perspectiva da representatividade nas diferentes áreas do conhecimento científico, especialmente as concepções relacionadas a temática do envelhecimento em exercício com os descritores definidos. Logo, é possível identificar os discursos científicos presentes em parte dos textos. Essas linhas compõe um dispositivo de movimento, visibilidade, tensões, transgressões, fraturas, que não se encerram em algo, dado por acabado, mas se complementam em suas variações, Deleuze (1989).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, as condições postuladas para se viver uma velhice a partir das singularidades dentro de um aspecto valorativo, ainda se percebe distante, questão essa que é naturalizada por um discurso limitado ao novo movimento tecnológico que infere na busca constante de se manter uma fantasiosa juvenildade. Onde as particularidades já não são levadas em consideração, sobre os corpos, simultaneamente são internalizados estereótipos negativos, reproduzindo a imagem do processo de envelhecimento associada a fase da vida, conceitos e categorias.

Além disso, as práticas utilizadas na dimensão corporal pelos sistemas normativos, são identificadas como uma prática de controle sob os corpos, que desfavorece a real identidade do sujeito. Assim, pela naturalização das dessas práticas se mantém o consumo exacerbado na centralidade dos interesses capitalistas que se manifestam em grande potencialidade na transformação do existencialismo humano. Dividindo-se por grupos de pessoas, alimentado por um discurso discriminatório, fazendo do corpo um objeto manipulativo, na concepção mistificada de que é desfavorável envelhecer.

Para tanto, essa proposta investigativa acerca desse processo transitório que referencia diferentes práticas sob a condição de vida das pessoas em seu envelhecimento humano, versa no processo metodológico afirmar através do

levantamento das produções textuais nos periódicos e na biblioteca nacional de teses e dissertações, a baixa quantidade de publicações envolvendo nuances referente a temática. Tendo apenas um total classificatório de 13 exposição que remete a dimensão epistemológica do estudo científico nas vias da subjetividade em paralelo com os objetivos constituídos nessa pesquisa.

Afora, além da baixa produtividade de escritos acerca desses interesses no Brasil, foram identificadas que essas publicações são de faculdades e universidades que contemplam restritamente a região Sul e Sudeste do país. Destaca-se, portanto a escassa movimentação de estudos que abrangem a região Norte e Nordeste.

Essa deficiência na representatividade dos estudos, nos faz refletir a extrema necessidade de investimento nos trabalhos vinculados as Universidades de modo geral e em especial a região Norte e Nordeste, que faça valer o registro de atividades nas academias, abrangendo discursões atentadas para a realidade de forma alicerçada e em defesa dos direitos humanos. Nesta medida, levando em consideração assuntos temáticos que são de alta importância diante da transformação social que ocorre de modo acelerado.

A partir dessa finalidade nos instiga pensar, com o intuito de tornar público a possibilidade das autoridades sociais, adotar novos mecanismos em prol da importância do envelhecimento e o diferencial das subjetividades de vida que esse conjunto de pessoas se encontram, seja antes ou até mesmo após os 60 anos de idade. Permitindo a consolidar o interesse dessa pesquisa, de modo a trazer à tona as diversas visões acerca do envelhecimento humano acerca das percepções de velhice.

Por fim, atribuir através de estudos que envolvam esses fatores ligados à autoafirmação da velhice, curiosamente se pensa ampliar a discursão no protagonismo do envelhecimento na contemporaneidade. Bem lembra Louro (2000) que, o corpo é inconstante, que suas necessidades e vontades se modificam com o passar do tempo. Assim, na expressão da pesquisa no contexto epistemológico fundamentalmente em diálogo com a teoria crítica ligada a investigação discursiva, dar-se a importância de a compreender a relação do saber, corpo e sociedade em seus diferentes tempos.

Cabe dessa forma, reconhecemos que diante do trajeto percorrido para o desenvolvimento dessa escrita, nos concede a certeza de que a pesquisa é uma estrada cujo os desafios nos fortalecem em todo o processo de buscas e investigações, embora havendo modificações no decorrer desse caminhar, a experiência vislumbra uma série de fatores que corroboram para a formação profissional.

E na ótica pedagógica, descobrimos em meio aos contrastes de diferentes posicionamentos e maneiras de disseminar o conhecimento, a pesquisa vem contribuir significativamente para nos percebermos enquanto sujeitos que estão em processo de envelhecimento, e dar importância para essa aproximação a cada dia dos estudos voltados para essa temática, nos leva a refletir nossos próprios conceitos criados ao longo de nossa formação humana, e das vezes que não visualizamos o envelhecimento como um acontecimento adjacente, ou seja, se o envelhecimento me acompanha em toda a minha existência, certamente é inevitável eu me distanciar dele, ou sondá-lo.

Com isso, infere-se a importância do Pedagogo e da Pedagogia, pois a educação não formal se diferencia no desenvolvimento das potencialidades humanas, representando a dimensão dos valores integrados aos direitos humanos, em vista de avançar nos projetos e pesquisa proporcionando uma educação crítica na amplitude de sua complexidade.

Embora havendo na contemporaneidade dificuldades de manter a afirmação da velhice em meio ao movimento que se encontra as transformações humanas e exigências sociais, penso que o desafio de se fazer reconhecer velhice como um processo a ser vivido sem pudor, reitera a motivação de não dar essa pesquisa por acabada, pois a necessidade de continuar as investigações acerca dessa linha do conhecimento, nos faz repensar de nossas práticas mediante as multiplicidades de concepções e posturas ao longo de nossos estudos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Inês Lacerda. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução de Salma Tannus Muchail – 9. Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BEAUVOIR, Simone. **A velhice: a realidade incômoda**. Vol I. DIFEL/Difusão Editorial, São Paulo, 1976.

Birman, Joel. **Estilo e modernidade em psicanálise**. São Paulo: 1ª edição, 1997.

BRASIL. **Estatuto do idoso**. Brasília (DF): Senado Federal, 2003.

DELEUZE, Gilles. (1989). **O que é um dispositivo?**, 2001, a partir do texto: DELEUZE, G. Qu'est-ce qu'un dispositif? In: Michel Foucault philosophe. Paris: Rencontre internationale.

DE LIMA, Priscilla Melo Ribeiro. **“Velhice? Acho ótima, considerando a alternativa”: reflexões sobre velhice e humor**. Revista Subjetividades, v. 11, n. 4, p. 1597-1618, 2016.

DE MELO, Verônica Viviane. **Sentido do trabalho e envelhecimento: Um estudo com profissionais bancários**. Florestal- MG, 2019.

DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica: para além da hermenêutica e do estruturalismo**. Trad.(...). Rio de Janeiro: Forense, 1995. 2ª edição 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.

FOUCAULT, Michel. (1996). **Ordem do discurso (A)** (Vol. 1). Edições Loyola.

FOUCAULT, Michel.

FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**. UECE, 2002.

GIUBILEI, S. **Uma pedagogia para o idoso. A Terceira Idade** – Sesc, São Paulo, Ano V, n. 7, 10-14, jun. 1993.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013

LIBÂNEO, José Carlos. **Que destino os educadores darão à pedagogia?** In: PIMENTA, Selma Garrido. **Pedagogia, ciência da educação?** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.

LUIZ, Felipe. O conceito de saber na epistemologia política de Michel Foucault. **Revista de Iniciação Científica da FFC**, v. 10, n. 2, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª Edição. Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

PASSETTI, Edson. **Kafka-Foucault: sem medos**. Ateliê Editorial, 2004.

RIOS, T.A. **Compreender e Ensinar: por uma docência da melhor qualidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2003

SANTOS, Daniel Kerry dos; LAGO, Mara Coelho de Souza. **O dispositivo da idade, a produção da velhice e regimes de subjetivação: rastreamentos genealógicos**. *Psicologia USP*, v. 27, n. 1, p. 133-144, 2016.